AS NARRATIVAS DE SI E O DEBATE SOBRE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO FACEBOOK

Lara Lohanna Barreto De Sousa[1]
Raquel Furtado De Mesquita[2]
Maria Leidiane Tavares[3]

RESUMO

Com base na observação do engajamento social manifestado a partir do uso da hashtag #meuamigosecreto, este trabalho propôs-se a investigar o debate sobre a violência de gênero no Facebook, através do investimento coletivo provocado pela dramaturgia das interações sociais (GOFFMAN, 2011, 2013a, 2013b). A pesquisa foi realizada durante o projeto "Compartilhamento, hashtags e narrativas de vida: elementos para uma análise da militância feminista nas redes sociais da web", do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Unilab (Pibic/Unilab-2018). Utilizamos uma abordagem etnometodológica (COULON, 1993) para coletarmos capturas de telas de postagens de mulheres que utilizaram a hashtag #meuamigosecreto para compartilhar situações pessoais de violência de gênero. Essas narrativas de si utilizam a hashtag para gerar um investimento coletivo que dão voz a movimentos feministas nas redes sociais da web, ao mesmo tempo que encorajam outras mulheres a compartilharem as suas experiências (BRUNER, 2014; LEJEUNE, 2014; JOSSO, 2012; BERTAUX, 2010; PINEAU e LEGRAND, 2012). As interações realizadas nessas publicações atualizam o passado e reforçam as fachadas apresentadas pelas narrativas que se irradiam temática e metonimicamente (FREITAS, 2015).

Palavras-chave: narrativas de si violência de gênero Facebook meuamigosecreto .

Unilab, ILL, Discente, laralohannabarreto@hotmail.com[1]
Unilab, ILL, Discente, raquelfurtadom@gmail.com[2]
Unilab, ILL, Docente, marialeidiane@unilab.edu.br[3]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

A internet é uma das maiores invenções humanas, ela é co-responsável por grande parte da tecnologia que utilizamos hoje. Muitas das atividades desenvolvidas "analogicamente" foram substituídas ou acrescidas de interações virtuais, entre elas as redes sociais, que ganharam destaque na web por permitirem o contato com pessoas distantes fisicamente e/ou com desconhecidos. O contato mediado por máquinas (computadores, *smartphones*) permite aos usuários das mídias sociais da web interações diferentes das vivenciadas presencialmente. Cada uma dessas plataformas possui características e perfis de usuários diferentes, podendo estas serem utilizadas por grupos restritos de pessoas ou mundialmente, como é o caso do Facebook. A dinamicidade, característica dessas mídias da web impacta nas relações de seus membros, pois eles atualizam e criam novas interações. O uso de hashtags permite ao usuário maior visibilidade às suas publicações, permitindo que muitos desconhecidos acessem e comentem o que fora publicado. Freitas (2015) expôs a necessidade de pesquisas que contemplem narrar a si na web como forma de revelar experiências pessoais, e é a partir dessas concepções que percebemos a importância de analisarmos os relatos de violência de gênero apresentados nas publicações do Facebook.

METODOLOGIA

Utilizamos neste trabalho a inspiração etnometodológica, pois, acordo com Coulon (1993), ao realizarem ações, os atores sociais realizam uma reflexão, não agindo automaticamente, mas agindo sob normas culturais e sociais internalizadas previamente. Para Freitas (2015), durante as interações, os significados atrelados às ações são continuamente reformulados e reinterpretados. Seguimos os os critérios de Lima-Neto (2014) e Freitas (2015) que estudaram as práticas discursivas no Facebook e no Twitter, respectivamente, para a coleta de dados. Optamos por capturar narrativas, em primeira pessoa, de mulheres que compartilharam suas histórias de violência de gênero. Para isso, utilizamos o plugin do navegador Chrome, Nimbus Screenshot: Capture & Annotate", que possui ferramenta de ocultação de identidade dos usuários através da ferramenta de embaçamento. Analisamos as publicações que utilizaram a hashtag (agrupador de publicações na web) #meuamigosecreto na tentativa de atingir os objetivos de identificar a estruturação das narrativas de si apresentadas nas postagens e identificar a militância feminista, descrevendo assim suas estratégias dramatúrgicas que caracterizam tais narrativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Facebook, como plataforma que se caracteriza por injunções que conduzem a uma construção de si mais sisuda, detalhada, investida de uma intelectualidade que aponta para o fomento de debates, favorece a narrativização que se estende por muitos caracteres, espraiando-se inclusive pelos comentários e reações, que reforçam as fachadas construídas. De acordo com FREITAS (2015), tal reforço caracteriza-se pela identificação que a narrativa de si pretende criar em sua encenação, convocando as narrativas de quem comenta sobre temática que se aproxima e mesmo reflete, ainda que metonimicamente, a postagem inicial.

Foram analisadas as capturas de narrativas e comentários de posts da rede social Facebook, com a hashtag "meu amigo secreto". Tais capturas continham relatos de violência contra mulheres, tanto verbais quanto

ISSN: 2447-6161

físicas. Com a análise, foi possível identificar nas narrativas e nos comentários, através de estruturas linguísticas, estereótipos machistas sobre a temática da violência contra a mulher, questões consequentemente problematizadas pelo movimento feminista em geral. Dessa forma, identificamos os seguintes estereótipos:

a) "A culpa é da vítima". Algumas mulheres narraram o sentimento de culpa pela violência sofrida, reflexo de uma cultura patriarcal, quando na verdade o verdadeiro culpado é o agressor. Essa culpa pode girar em torno de outro estereótipo encontrado nas narrativas, o do "não saber escolher homem".
b) "A religião extingue os erros". Alguns relatos salientaram que o agressor, quando passa a frequentar um ambiente religioso, age como se nunca tivesse cometido o ato de violência, se considera purificado.
c) "É preciso pensar duas vezes antes de acusar". Algumas vítimas relataram que logo após sofrerem a violência, ficavam negando para si mesmas o ocorrido, talvez para tentar superar o trauma, ou para não cometer "injustiça" com o agressor.
d) "A mulher deve andar sempre com um sorriso no rosto". Após o ato de violência, as vítimas narraram a necessidade de manter o disfarce de bem estar perante a sociedade, pela pressão produzida por esta.
e) "Deve ser coisa da minha cabeça". Algumas vítimas relataram o sentimento de desconfiança em si mesmas, não acreditando na própria razão para, dessa forma, tentar deletar da memória o ocorrido.
f) "Ela deve estar exagerando". Algumas mulheres salientaram a falta de credibilidade da sociedade ao assumirem que sofreram violência.
g) "Você tem que arranjar um companheiro carinhoso e gentil". Foi perceptível em alguns comentários que a sociedade realmente acredita que a mulher necessita de um outro homem como uma espécie de salvação do sentimento de desrespeito contra si e contra seu corpo.
h) "Ela não merecia sofrer abuso, estava na própria casa, sem maquiagem e de pijama". Há também a visão de vítima perfeita, a que está recatada em seu lar, não no meio da rua, e por isso não merecia sofrer.
j) "Ninguém pode saber". Algumas vítimas relataram que ficavam em silêncio, sem denunciar a agressão por vergonha, por se sentirem extremamente humilhadas e violadas, pensando no julgamento da sociedade que iria recair sobre elas.
k)"Isso é coisa de novela". Alguns relatos demonstraram a falta de solidariedade entre as mulheres. Mulheres que nunca sofreram abuso ou outro tipo de agressão acreditam que isto está bem distante da sua realidade, quando na verdade está bem perto, porém não há essa sensibilidade de voltar o olhar para a outra.
l) "Vai ser sempre em uma rua escura". Também foi observado nas narrativas um estereótipo para os casos de estupro. Muitos pensam que estes só acontecem em uma rua escura, com uma mulher que anda sozinha à noite, porém é comprovado que a maioria dos casos de estupro acontecem dentro de casa, no ambiente familiar.
m) "Quem mandou ela usar uma roupa tão curta?". Em alguns relatos foi verificado um "perfil ideal de mulher sujeita ao estupro": aquela que usa roupa curta e maquiagem forte. As mulheres relataram que a sociedade as culpava pelo modo de se vestir, esquecendo-se do verdadeiro responsável pelo ato de violência.
n) "Ela perdeu sua dignidade". Algumas vítimas demonstraram acreditar na ligação entre dignidade e virgindade, uma ideia estabelecida de dentro da nossa sociedade há muito tempo, ligando a honra de uma mulher ao fato de ela ainda ser virgem ou não, a fim de classificá-la com os rótulos de "pura" ou "desfrutável", por exemplo.

Para exemplificar os estereótipos apresentados vejamos o exemplar a seguir, parte de uma das narrativas coletadas segundo os procedimentos descritos na seção de metodologia:

ISSN: 2447-6161

Figura 1: narrativa sem a encenação mobilizada pela hashtag

Fonte: facebook.com (corpus constituído para a pesquisa)

Há, nessa narrativa, um investimento em signos que se identificam com o debate de gênero que a hashtag #meuamigosecreto reúne. A enunciação que hashtag instaura, que se apoia na memória discursiva dos amigos secretos em que os sujeitos descrevem aqueles que sortearam e devem presentear, no entanto, não é retomada nessa narrativa, que se filia à hashtag mais pelas temáticas do que pela encenação do amigo secreto, que podemos verificar no exemplo a seguir:

Figura 2: narrativa com a encenação mobilizada pela hashtag

Fonte: facebook.com (corpus constituído para a pesquisa)

A despeito de não investir na encenação da hashtag, a narrativa da figura 1 relaciona-se com o sujeito coletivo evocado pelo conjunto de postagens reunidas sob o signo do #meuamigosecreto sobretudo pelo detalhamento que denuncia o engajamento da autora com a denúncia.

CONCLUSÕES

O Facebook se apresenta como rede social da web ideal para a exposição de narrativas mais longas, tornando-se ideal para a exposição das situações de violência, que, geralmente, possuem um histórico de situações de violência, podendo culminar no fato apresentado ou expor parte de uma narrativa maior. Dessa forma, a *hashtag* se apresenta como ferramenta fundamental para a composição de um investimento coletivo que visa fortalecer o movimento de luta das mulheres, como o movimento feminista, mas também serve como denúncia, pois, muitas vezes as mulheres não conseguem denunciar as agressões sofridas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Unilab, em especial à Pró-Reitoria de Pesquisa e Graduação pela concessão de uma bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Unilab (Pibic/Unilab-2018).

REFERÊNCIAS

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal/São Paulo: EDUFRN/Paulus, 2010.

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREITAS, Maria Leidiane Tavares. **Narrativas de si em cena**: a dramaturgia das interações no Twitter. 2015. 146f. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2013a.

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida como artes formadoras da existência**. In: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 41-60.

ISSN: 2447-6161